

**CENÁRIOS E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM INTEGRADORAS:
A COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE LEGITIMANDO A
DIVERSIDADE E O "HABITAR HUMANO"**

**ESCENARIOS Y ESTRATEGIAS DE APRENDIZAJE INTEGRADORA: LA
COMPLEJIDAD Y LA TRANSDISCIPLINARIEDAD LEGITIMANDO
DIVERSIDAD Y LA "HABITAR HUMANO"**

**SCENARIOS AND INTEGRATIVE LEARNING STRATEGIES: THE COMPLEXITY
AND TRANSDISCIPLINARITY LEGITIMIZING DIVERSITY AND THE "INHABIT
HUMAN"**

Maria Dolores FORTES ALVES¹

RESUMO: O que se propõe apresentar aqui, constitui-se um tecido miscigenado, bordado de práticas e teorias, procurando traduzir a beleza do momento em que a ciência se mistura com a vida. Através da reflexão, desejamos que as Estratégias de Aprendizagem Integradoras, favoreçam o "habitar o humano" e , que com elas, o humano faça-se autor de sua palavra, vida e sonhos. Que os seres em sua diversidade, comunguem com o universo, o sopro supremo da vida. E, que pelo acolhimento da diversidade, possamos nos dar conta de que só o amor permite criar um mundo comum, habitando-o e habitando-se. Que pelo acolhimento da diversidade nos demos conta de que só "temos o mundo que criamos com o outro, e que só o amor nos permite criar esse mundo em comum". (MATURANA; VARELA, 1995, p. 256).

Palavras-chave: diversidade, complexidade, transdisciplinaridade, aprendizagem integradora.

RESUMEN: Qué si propone presentar aquí es un tejido en un mestizo, bordado de teoría y práctica, tratando de expresar la belleza del momento en el que la ciencia se mezcla con la vida. Deseamos por la reflexión las estrategias de aprendizaje integral promover el "habita la humana". Y, con ellos, los humanos si hacen autor de su palabra, la vida y los sueños. Seres que en su diversidad, compartir con el universo el sopro de vida suprema. Aceptar la diversidad hace en darse cuenta de que sólo "somos el mundo que hemos creado con el otro, y que sólo el amor nos permite crear este mundo en común". (MATURANA y VARELA, 1995, p. 256).

¹ Professora da Universidade Federal de Alagoas, Doutora e Mestre em Educação- PUC/SP (CNPq),UB (Barcelona); Mestre em Psicopedagogia e Pedagoga-UNISA; Pós-Graduada em Distúrbios da Aprendizagem - UBA (Universidade de Buenos Aires); Especialista em Educação em Valores Humanos; Pesquisadora RIES (Rede Internacional Ecologia dos Saberes), ECOTRANS (Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade) e ADESTE (A Adversidade Esconde um Tesouro -ES); Assessora Educacional; Palestrante; Autora de diversos artigos e livros. Homepage: <http://www.edupsicotrans.net>; e-mail: mdfortes@gmail.com

Palabras-Clave: diversidad, complejidad, transdisciplinariedad, aprendizaje integral.

ABSTRACT: What if proposes to present here, is a tissue a half-caste, embroidery of practice and theory, seeking to express the beauty of the moment in which the science is mixed with life. Through reflection wish that the Strategies of Integrative Learning promote the "inhabit the human". and, with them, the human do author of his word, life and dreams. That beings in their diversity, share with the universe the murmur of supreme life and that by accepting diversity we realize that only "we are the world that we have created with the other, and that only the love enables us to create this world in common".(MATURANA; VARELA, 1995, p. 256).

Keywords: diversity, complexity, transdisciplinarity, integrative learning.

INTRODUÇÃO

O pensamento é energia ou luz moldada pela nossa consciência. De certa forma, a frequência de luz de cada ser humano é um reflexo de sua consciência que se revela através de nossas escolhas que, na verdade, são reveladoras dos nossos níveis de percepção (ZUKAV, 1999).

Esse artigo trata de um misto de teoria e experiências vividas, reais, (minhas enquanto pessoa com deficiência) na construção e experimentação das Estratégias de Aprendizagem Integradoras, frutos de minha pesquisa de doutoramento. O que se propõe apresentar constitui-se um tecido miscigenado, bordado de práticas e teorias, procurando traduzir a beleza do momento em que a ciência se mistura com a vida. Aprendendo juntos, sentimos o pulsar, a autoria de nossos corpos. Desejamos que essas Estratégias favoreçam o “habitar humano” e, que com elas, o humano faça-se autor de sua palavra, vida e sonhos. Assim sendo, porque é assim que é, comunguem com o universo o sopro supremo da vida. Que pelo acolhimento da diversidade nos demos conta de que só “temos o mundo que criamos com o outro, e que só o amor nos permite criar esse mundo em comum”. (MATURANA; VARELA, 1995, p. 256).

Sobre Estratégias de Aprendizagem Integradoras

A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos (NICOLESCU, CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE, 1994, artigo 11).

As primeiras lições de docência e acolhimento da diversidade atribuídas de sentido com as quais me deparei em minha trajetória foram, além de meus professores primários, também as palavras do Dr. e Pedagogo, Léo Buscáglio em seu livro “Amor” (1989). Chamavam-me a atenção do sentido de ensinar, permitindo a criatividade e a autoria de cada um. Questionávamos, como pode uma professora ensinar para um aluno que vive no campo, como pintar uma árvore dessa e daquela cor? É preciso subir na árvore, saborear seus frutos. Senti-la na chuva e nas cores da primavera para saber que a árvore é muito mais que o verde da copa ou o marrom de seu tronco. Que ela tem a cor e o sabor de quem sentiu o seu cheiro. Tem a cor e o

sabor de quem teve a percepção da árvore.

Seguidamente, explica Maturana (1998a, p. 46) que as percepções são tantas como são os seres humanos. Biologicamente não podemos definir uma única maneira de perceber. Assim, me pergunto: como podemos definir uma única maneira de aprender? As modalidades de aprendizagem, como chamamos na psicopedagogia (ALVES, 2015), são tão distintas como são os seres humanos, assim como são os sujeitos aprendentes. Somos todos seres complexos, tecidos em conjunto (MORIN, 1997). Portanto, como em um holograma, vivemos e somos parte do/no mundo e o mundo é parte de/em nós. Somos como um holograma do cosmos. Somos uni, pluri, multidimensionais. Aliás, somos todos multidimensionais e hologramas do todo. Assim também, é nossa aprendizagem e nossos con-viver.

O que são Estratégias de Aprendizagem Integradora?

Para a catedrática da Universidade de Barcelona, Núria Rajadell, uma estratégia didática é “a atuação sequenciada potencialmente consciente do profissional em educação, guiada por um ou mais princípios da Didática e encaminhada à otimização do processo de ensino-aprendizagem” (RAJADELL, *in* RAJADELL; SUANNO, 2012, p. 105). Segundo essa autora, outros estudiosos definem estratégias como sequências integradas de procedimentos que são escolhidos com o propósito de facilitar a aquisição, o armazenamento e/ou a utilização do conhecimento.

Como diz a autora acima, as estratégias didáticas são “como coluna vertebral de qualquer ação de formação. Contribuem para superação das fronteiras, das características pessoais do indivíduo que deseja ou necessita se formar, e que está sendo formado em qualquer cenário no qual ela é desenvolvida.” (RAJADELL; SUANNO, 2012, p. 105).

Edgar Morin (2000), no clássico *Os sete Saberes necessários para a Educação do Futuro*, também faz uma bela reflexão sobre estratégias. Para esse autor, as estratégias são possibilidades de lidarmos com as incertezas e termos o cuidado com a ecologia da ação, pois, uma ação depois de realizada, escapa do controle de quem a praticou. Assim, as estratégias oferecem essa possibilidade de reorganização dos cenários diante das emergências que surgem na ecologia da ação. Ou seja, usamos as estratégias para elaborar cenários e, tanto estratégias quanto cenários, podem ser alterados para lidarmos com as incertezas.

Quando lidamos com a diversidade, as incertezas e emergências são frequentes, afinal, vida é movimento e a homogeneidade inibe a criação e a *autopoiesis*². Se buscamos a diversidade, buscamos renovação, criação. O uso de estratégias, possibilita o exame do ambiente, do cenário, suas certezas e incertezas, e o caminho que se faz ao caminhar. Constrói-se a partir do feedback da retroatividade e na recursividade do movimento, das ações, dos *sentipensar*³-agires dos sujeitos e do contexto. Nas palavras de Morin “é na estratégia que se apresenta sempre de maneira singular, em função do contexto e em virtude do próprio desenvolvimento, o problema da dialógica entre fins e meios” (MORIN, 2000, p. 92).

Desse modo, o uso de estratégias apresenta-se como uma resposta às incertezas, à complexidade do contexto e deve sempre vir constituída pela reflexão, pela consciência e conscientização de suas possibilidades. Para Morin “a estratégia, assim como o conhecimento, continua sendo a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas” (MORIN, 2000, p. 92).

No dicionário etimológico o significado da palavra *estratégia* vem da palavra *estratagem*, originária do latim *Átis*. Significa a arte (militar) de planejar e executar movimentos e operações (de tropas) etc. (CUNHA, 1986, p.333)

Já *Integrar* tem sua raiz etimológica latina de *integrare*: determinar a parte integral de uma função. Outras *derivações*, *íntegro*, *inteiros*, *integral* (CUNHA, 1986, p. 440). Em Harper (2012), integrar significa tornar algo todo, inteiro, fazer do todo um inteiro, "unir partes ou elementos e combiná-las em um todo".

Com as Estratégias de Aprendizagem Integradoras, queremos nos fazer inteiros e também percebermos em inteireza, em multidimensionalidade a nós e o mundo em que vivemos, habitamos, co-habitamos. Desse modo, nesse trabalho queremos usar *estratégias* como uma arte, não para guerra, mas para paz. Para a construção de um mundo para todos, de uma verdadeira cidadania planetária. Planejaremos nossos movimentos e operações para

² Autopoiese ou autocriação é um padrão de rede no qual a função de cada componente consiste em participar da produção ou da transformação dos outros componentes da rede. Dessa maneira, a rede, continuamente, cria a si mesma (CAPRA 1987, p.136).

³ Neologismo criado por Moraes e Torre (2004) para explicar o processo pelo qual trabalham juntos sentimento e pensamento, razão e emoção. Esta expressão facilita a compreensão do entrelaçamento desses dois processos de perceber e interpretar a realidade, envolvendo ação, reflexão e impacto emocional, presentes no conhecimento e na aprendizagem. Uma dimensão implica o âmbito cognitivo e a outra o emocional/afetivo. Assim, o sentir, o pensar e o agir traduzem as diferentes dimensões de identidade humana, revelando a complexidade de sua natureza integrada. Nossa maneira de ser, pensar e agir expressa esta tessitura comum reveladora de multidimensionalidade do ser.

entrarmos em sincronia com a vida, para o habitar do humano pelo humano com a alegria, a harmonia do conviver.

Para completar nossa reflexão, buscamos também a origem do cognato *incluir*. Incluir, portanto, origina-se do latim *includere*, que significa abranger, compreender, envolver (CUNHA, 1986, p. 430). Poderíamos dizer que incluir e aprender tem raízes semelhantes ou muito semelhantes, cuja ligação situo na palavra ‘compreender’. Assim, incluir significa compreender, apreender em si, tornar inteiro e integral, tornar-se inteiro.

Para Moraes e Torre (2004, p.82), aprendizagem integrada é um processo mediante o qual vamos construindo novos significados das coisas da vida e do que acontece no mundo ao nosso redor. Ao mesmo tempo em que melhoramos ou desenvolvemos estruturas e habilidades cognitivo/emocionais, modificamos nossas atitudes, valores e competências, projetando tais mudanças na vida cotidiana, nas relações político-sociais e laborais. E isso tudo baseado em estímulos multissensoriais ou em processos intuitivos que nos impactam e nos fazem sentir, pensar a agir.

Ainda em Moraes, encontramos a seguinte designação, dada pelo Projeto ERAIEC:

Aprendizagem integrada seria a estratégia metódica para fazer visível essa tripla renovação. Crie um espaço relacional, dentro e fora da sala de aula, com recursos verbais, analógicos, visuais com ambientes virtuais, através da resolução de problemas e projetos que integram a aprendizagem de disciplinas diferentes, incentivando a aquisição de valores, habilidades e competências, sentido para a vida e para a atividade profissional. A tolerância, a convivência, a cooperação, a crítica, a criatividade e a busca permanente de auto-aprendizagem, são as ferramentas mais eficazes para a transformação pessoal, profissional e social. (*in* MORAES, 2007, p. 11)⁴.

Assim, sendo...

⁴ Texto original: aprendizaje integrado sería la estrategia metódica para hacer visible esta triple renovación. Crear un espacio relacional dentro y fuera del aula, con recursos verbales, analógicos, visuales y con entornos virtuales, mediante resolución de problemas y con proyectos que integren aprendizajes de diferentes disciplinas, fomentando la adquisición de valores, habilidades y competencias con sentido para la vida y para la actividad profesional. La tolerancia, la convivencia, la colaboración, la actitud crítica, creativa y de búsqueda, de autoaprendizaje permanente, son las herramientas más eficaces para la transformación personal, profesional y social. (*apud* MORAES, 2007, p. 11).

Integrada ou integradora? Conceitos, visão ou práticas diferentes?

Moraes e Torre (2004) fazem referência a Estratégias de Aprendizagem *Integrada*. A esse conceito, os autores associam as estratégias que usam cenários multirreferenciais e a percepção dos sujeitos como multissensoriais. Buscam integrar várias disciplinas, conhecimentos, bem como várias estratégias para que a integração, o entrelaçamento dos saberes e os diversos modos de percepção desses, se façam possíveis.

Nesta pesquisa, entretanto, adotamos a expressão Estratégias de Aprendizagem *Integradora*, uma vez que a simples substituição da palavra “integrada” por “integradora”, embora mantenham sentidos semelhantes, já designa, com mais ênfase, o que aqui desejamos pontuar: estratégias que englobem a razão, a imaginação, a intuição, a colaboração e o impacto emocional, vivenciado por todos os sujeitos de maneira multidimensional e multirreferencial produzindo assim, a integração do indivíduo consigo, com o outro e com a natureza, fazendo-o sentir-se parte do todo. Podemos também dizer que estratégias integradas, propiciam uma vivência, de fato, integradora, uma vez que se pautam na agregação, união, interconexão. Assim, inclusão deve fazer parte de uma ação integrada a todos os setores da sociedade, visando tornar suas atitudes, posturas e procedimentos diante da diversidade, um elemento ainda mais favorável à convivência integradora entre todas as pessoas. Integrada é substantivo, enquanto, integradora busca-se fazer verbo, determinar a ação de integrar, trazer inteireza para os seres e entre os seres.

Lembramos que um termo não invalida o outro, pois não é possível pensar em Estratégias Integradoras sem pensar e realizar Estratégias Integradas. Percebo que é necessário integrar as estratégias para que elas também se tornem integradoras. Buscamos com as Estratégias de Aprendizagem Integradora, que a palavra corporifique-se, materialize-se de modo mais focalizado no contexto da diversidade. Deixe de ser substantivo para ser verbo. Deixe de ser passivo para ser ativo. Fazer-se ação, produzir o entrelaçar de saberes e seres e que esses se integram. Assim sendo, os sujeitos com suas diferenças, “limitações”, readquirem, têm outorgado o direito de serem legitimados, de terem sua palavra legitimada de habitarem-se e habitarem o mundo do qual todos fazem parte. Entrelaçam-se para compor uma tessitura única: a Teia da Vida, o habitar humano, planetário e cósmico.

Desse modo, a nossa proposta de Aprendizagem Integradora tem seus fundamentos no pensamento ecossistêmico, na transdisciplinaridade e na complexidade. Esses pensamentos,

além de considerarem o sujeito humano como um ser biológico, afetivo, cultural, cognitivo ainda percebem esse indivíduo transversalizado, integrado pela intuição e a espiritualidade com todas essas partes interrelacionadas. O sujeito constitui-se como um ser único em sua diversidade e de igual valor.

Para melhor compreendermos as Estratégias Integradoras, lembramo-nos do que nos ensina Maturana e Varela (1997): que cada sujeito irá olhar, sentir e pensar cada ação, estratégia, de acordo com seu *acoplamento estrutural*⁵, com a maneira com que se posiciona diante de si e do contexto, de acordo com o modo de interação realizada consigo, com o outro e com o cenário. Mas, cabe também advertir que Estratégias de Aprendizagem Integradoras devem partir, surgir, emergir de um contexto multirreferencial, necessitam ser e conter a abertura de pensamento, devem ser e, necessitam de um contexto-olhar, atitude flexível, recursivo e ético.

Isso porque, tudo no sujeito constitui como uma tessitura ecossistêmica em que o ato de aprender e ensinar se faz também no perceber o que há entre, através e para além. O que está na subjetividade, na inteireza do ser. Ou seja, busca-se o sentido do sentido do que se ensina e do que se aprende e, do que se vive e no conviver. Na aprendizagem integradora a inteireza dos sujeitos e o sujeito como um todo e, em sua totalidade devem ser valorizados. Assim, dizemos possível a Unidade na diversidade e a diversidade compondo a Unidade: uno, múltiplo em uma mesma tessitura.

As estratégias que aqui serão apresentadas e que por mim já foram desenvolvidas em minhas vivências acadêmicas e profissional, carregam a mesma base fundante, contudo, se adaptam a cada momento-texto-contexto. Nunca sou ou estou igual, nunca o cenário é o mesmo, porque as pessoas mudam. Afinal, como dizia Heráclito, de Éfeso (540 a. C – 470 a. C), filósofo considerado o pai da dialética, jamais alguém banha-se duas vezes no mesmo rio, sem que, da segunda e das próximas vezes, a pessoa ou rio já não sejam mais os mesmos. As águas se movimentam continuamente e passam por diferentes margens, a pessoa se transforma a cada ambiente no qual convive, e, ao banhar-se novamente, ainda que seja exatamente naquele local onde esteve aquele rio, já não será exatamente a mesma pessoa e

⁵ Todo sistema determinado por sua estrutura surge em um meio ao ser distinguido ou trazido a mão pela operação de distinção do observador. Esta existência é uma condição de complementaridade estrutural entre o sistema e o meio no qual as interações do sistema são apenas perturbações. Se a complementaridade estrutural se perde, se ocorre uma única ação destrutiva, o sistema se desintegra e deixa de existir. Portanto, a complementaridade estrutural entre sistema e meio é o que Maturana chama de acoplamento estrutural. (MATURANA, 1997. p. 86) [grifo do autor]

nem o mesmo rio, mas uma outra pessoa em novas águas. Nossa realidade é tecida, construída, assim, por inúmeras sobrevivências e momentos de mortes, renascimento e de renovação. Felizmente, nada é para sempre e tudo se transforma continuamente num processo *ad infinitum*.

Conseqüentemente, a qualidade das emoções e dos sentimentos que circulam nos ambientes faz-se de grande importância. Não somente para que resgatem a harmonia de nosso viver e tenhamos mais alegria, gosto e encantamento, como também, para que possamos reencantar, realimentar o assombro, a alegria do novo em nossos espaços de trabalho, vivências, aprendendo a cada dia a ser, conviver melhor interligado ao aprender a aprender e/ou a fazer. Portanto, para reencantar a tessitura do *conviver junto* nos diversos ambientes educacionais, sociais e laborais, possibilitando o aprender (lembrando que aprender é viver e em cada momento que realmente se vive, se aprende) complexo e transdisciplinar, faz-se primor a construção de cenários, de espaços facilitadores dessa tessitura comum, desse aprender interligado, interseccionado, interdependente, único e legítimo em cada sujeito e para cada sujeito.

Sobre Cenários de Aprendizagem Integradora

Para Torre e Gonzalez (in TORRE; PUJOL; SANZ *et all* 2007, p. 172), a terminologia *cenário* “[...] provém do latim com sentido de algo “coberto de ramas” e para os greco-romanos equivaleria, em arquitetura, uma “perspectiva”. Para a Real Academia está como “lugar em que ocorre ou se desenvolve um acontecimento”; “conjunto de circunstâncias que rodeiam a uma pessoa ou a um acontecimento”; “lugar onde se desenvolve a cena de um filme”. Poder-se-ia dizer que cenário é todo e qualquer acontecimento da vida real seja ele uma manifestação física ou mental (MORAES; TORRE, 2004)

Assim, compreendemos que um cenário de aprendizagem integradora constitui-se em um tempo e espaço no qual os fluxos de energia favoreçam a integração entre seres e saberes, o que se dá especialmente pela via do diálogo. Nele, preferencialmente deve haver a experimentação, a criação, a descoberta, dentro de uma tessitura de harmonia e beleza reveladora da verdade singular de cada ser. Esses cenários podem ser desde um cenário mental (imaginação de uma cena, paisagem, meditação dirigida, viagem interior etc.), ou

cenário físico perceptivo pelos sentidos, como um filme de cinema, um coro musical, o teatro, festas com diversas atividades (como as festas juninas), atividades de jogos cooperativos, círculos de diálogo, aula de meditação em grupo, massagem compartilhadas, dinâmicas de grupo construtivas etc. enfim, são diversos os cenários. O importante é a intencionalidade com que são construídos, de modo que palavras e multissensorialidade contribuam para corporificar o ser, o aprender e o viver, mais humano, integrado e fraterno.

Agora seguimos escrevendo sobre algumas estratégias.

Círculos de diálogo: o ser consigo, com o outro e com o todo

Suponha que nós fôssemos capazes de compartilhar significados livremente sem o desejo compulsivo de impor nossa própria visão ou nos adequarmos às visões dos outros e sem distorção nem auto-ilusão. Isto não constituiria uma revolução na cultura e eventualmente na sociedade? (BOHM, 2005).

Por que círculos de diálogo? Cada sujeito necessita falar sua própria palavra para, juntos, construirmos palavras comuns. Falaremos aqui sobre “diálogo” como nos ensina Bohm (2005). Um diálogo de abertura ao outro, despretenso, livre de pressupostos, aberto a novas construções. Um diálogo repleto da escuta sensível, do olhar, ouvir o invisível e o indizível. O diálogo no qual o estar com o outro se faz pelo prazer estar e compartilhar dentro de uma relação dialógica, ternária, inclusiva das diferenças e das muitas crenças.

Nossos diálogos serão tecidos em círculos para que todos estejam no mesmo nível, para que todos possam falar e ouvir com os olhos, sentir com os ouvidos, se tocarem e acariciarem com as palavras. No círculo não há hierarquia, e, sim, há a possibilidade de contato para além do tato, uns com os outros,

o círculo é a forma arcaica de encontros. Tem em sua simbologia a ausência de distinção ou de divisão. Lembra movimento e harmonia, que é o desejo manifesto, como uma marca dos encontros. Entre todas as coisas humanas, a extrema diversidade não deve mascarar a unidade, nem a unidade básica mascarar a diversidade: a diferença oculta a unidade, mas a unidade oculta as diferenças (MORIN, 2002 *in*. ARNT, 2007, p. 131).

Um diálogo de tessitura, de respeito, de legitimação do outro e de si mesmo, em que as palavras proferidas, as escutas escutadas são feitas pelo prazer de tecer, de comunicar, de versar com o outro. No qual, cada um com sua percepção, verdade e todos com uma percepção maior, de ligação que nasce a partir do exercício dialógico.

A raiz etimológica de diálogo origina-se do grego “dia”, que significa “através de”, e “logos”, que quer dizer “significado” (BOHM, 2005, p. 33 e 35). Isto quer dizer que no diálogo as pessoas encontram-se e através da linguagem e do linguajar -pleno de significado- que se dá de modo coordenado com o linguajar do outro, no respeito mútuo e partilha, gerando a comunicação e saberes. O diálogo é uma maneira de fazer circular sentidos e significados. Num grupo que dialoga, as palavras circulam entre as pessoas, passam através delas sem que sejam necessárias concordâncias, discordâncias, análises ou juízos de valor. As palavras são ditas, ouvidas, percebidas e significadas, tal como se faz e se permite a constituição, o acoplamento estrutural imediato de cada participante.

O diálogo é um versar com o outro, um conversar. O estar junto em prosa, poesia e verso. E, prosa, poesia e verso somente podem existir quando existe coordenação de coordenações de ações de pessoas dispostas a escutar sensivelmente. Quando isto não há, o que existe é uma discussão, uma cisão de discursos e ideias. Pois, como diz a etimologia dessa palavra, *discutere*, significa fragmentar, reduzir a pedaços. A palavra debate também se origina do latim “*debattuere*”, o que expressa disputar, alterar e brigar. Portanto, quando falo de Estratégias Integradoras, o debate ou a discussão não são adequados ao nosso intento, visto que, o que desejamos é unir, incluir, tecer juntos, ou seja, nos referimos a palavras integradoras.

Como nos ensina Bohm (2005) e também Torre (2005), no conversar dialógico, em meio ao qual, opiniões diferentes, antagônicas passam a ser complementares, para que ocorra a construção de palavras integradoras faz-se necessário o ouvir apurado, o sentir refinado, o corpo inteiro que vibra pelo gozo do contato real com o outro, consigo, com o todo. Ou seja, o estado de alegria e prazer de ser fio da tessitura, que se faz pelo linguajar cooperativo, construtivo e constitutivo do humano humanizando-se, na e pela aceitação recíproca do outro como legítimo outro na convivência (MATURANA, 1999).

Bohm (2005) enfatiza o diálogo como uma significativa maneira de superação do atual estado de fragmentação da nosso modo de pensar excludente, fragmentado e desestruturado, bem como, suas diversas implicações negativas para a sociedade. Com isto queremos dizer que a palavra proferida e acolhida através do diálogo intenciona ligar em vez de separar. A dinâmica do diálogo está voltada para ligações, para a formação de redes, para a reflexão em conjunto, para a conversação, para a geração de ideias, educação mútua e produção

compartilhada de significados. Possibilitando dessa maneira, a emergência de compreensões novas uma vez que significados e sentidos compartilhados são amálgamas que mantêm juntas pessoas e sociedade (BOHM, 2005, p. 34).

Portanto, a estratégia do diálogo proposta aqui, faz-se como um caminho tecido pela conversação que propende melhorar a comunicação entre as pessoas, a produção de ideias novas e significados compartilhados pela cooperação. Uma proposta que permita às pessoas pensarem juntas e compartilhem as palavras, ideias, sentidos e sentimentos que surgirem dessa interação sem procurar analisá-los ou julgá-los de imediato para si ou para o outro. Nas palavras de Paulo Freire

Não é no silêncio que os homens e mulheres se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Por isto o Diálogo é uma exigência existencial.

Não há Diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens e mulheres. (...)

Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens e mulheres, não me é possível o Diálogo.

Não há, por outro lado, o Diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens e mulheres o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. (...)

A autossuficiência é incompatível com o Diálogo. Os homens e mulheres que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem ou mulher quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Nesse lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos. Há homens e mulheres que, em comunhão, buscam saber mais. (...)

Não há também, Diálogo, se não há uma intensa fé nos homens e mulheres. (...)

Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais (...) (FREIRE, 1985, p.42-46).

Assim, o diálogo faz-se como uma atividade cooperativa de reflexão e observação da experiência vivida, uma vez que, a vida depende daquilo que criamos em comum, mas cada um deve assumir a responsabilidade pelo que construiu e todos devem assumir a responsabilidade da construção mútua. Melhor dizendo, somos ao mesmo tempo autônomos e dependentes: autônomos, porque somos responsáveis por nossas construções e dependentes

porque nossas ações se tornam ecologizadas. O diálogo é um dos meios pelos quais essa condição se torna clara.

Para o diálogo, em seu sentido dialógico, se fazem importante algumas bússolas norteadoras.

- É importante perceber que a comunicação é fundamentalmente determinada pela percepção de quem a recebe, e não exclusivamente pelo que é expresso por quem comunica.

- O silêncio, seja ele individual ou coletivo, também faz parte do diálogo. Compartilhar o silêncio se for o caso. Observar, deixar-nos permear pelo que ouvimos. Não tentar logo de saída analisar, explicar, classificar, ou por qualquer outro meio racionalizar. Praticar a auto-observação (não a autoanálise ou a autoexplicação), enquanto escutamos.

- No silêncio é importante perceber aquilo (que a fala ou o silêncio) do outro produz em nós: impaciência? Inquietação? Desconfortos em determinadas partes do corpo? Alterações no ritmo cardíaco e na respiração? Aborrecimento? Ansiedade? O que mais?

- É preciso que estejamos vigilantes à totalidade de nossa estrutura enquanto ouvimos: ouvir até o fim sem concordar nem discordar.

- Ouvir desejando aprender algo de novo e não para conferir com crenças e ideias cristalizadas

- É preciso respeitar as diferenças e a diversidade;

- É necessário refletir sem julgar;

- É premente ter sempre em mente que o objetivo é criar e aprender, e não “ter razão” e sair vencedor;

- Faz-se de grande importância a suspensão de pressupostos pelo tempo de duração do diálogo e ao assunto em pauta. Na metáfora de Bohm, durante o diálogo os pressupostos devem ficar suspensos à nossa frente, como se estivessem pendurados num fio invisível — como roupas num varal. Isso quer dizer que antes de proceder à sua suspensão é preciso identificá-los e expô-los, não apenas a nós próprios, mas também aos nossos interlocutores (BOHM, 2005)

Essa maneira de interagir faz emergir novos movimentos, novos sentires, estar com suas ações, produzindo sinergias entre os sujeitos que juntos interagem, sinergias e emergências que antes não existiam, ou se existiam estavam latentes. E, como expressa o pensamento ecossistêmico (MORAES, 2004), o modo como as partes interatuam é de grande importância uma vez que faz surgir novos domínios a partir dessas novas interações. Portanto, novos modos de ser, estar, *sentipensar*, fazer.

Por meio do diálogo, cada sujeito, com a ajuda de outros, torna-se capaz de perceber que existem muitas “certezas” e, que de repente, sua certeza não era tão certa, apenas uma maneira pelo qual mirava por um determinado foco. Quando melhoramos, acrescentamos novas miradas, novas possibilidades, verdades emergem, assim, novos percursos podem ser traçados provocando mudanças a nossa estrutura, logo, trazendo-nos novas aprendizagens..

Para Humberto Mariotti, o diálogo traz-nos a competência do saber conviver. Ele nos proporciona perceber o outro e a nós mesmos para somente depois seguir dialogando com eles, sobre nós e sobre ele (o diálogo).

Quando falo do mundo falo de mim, daquilo que construo. Porém, falo também daquilo que não sou, mas de que faço parte: os outros e a natureza. Assim, o mundo é o que construímos juntos: ao longo da convivência, nós o construímos e ele nos constrói. (MARIOTTI, 2000, p. 32)

Esse é o alicerce que proporciona a formação de consonâncias, ou, como diz Maturana (1999), de coordenações de coordenações consensuais. O diálogo tido desse modo, perpetra-se como o núcleo da democracia vista como projeto político e não como projeto de poder. De acordo com esse autor, o diálogo é um modo de conversação, uma maneira de trabalhar diferenças bebendo na fonte da diversidade. Ele possibilita-nos compreender através de nossa ação de dialogar, a possibilidade de fazer brotar novos ideários que nos consintam perceber que há opostos que são e que devem continuar sendo, ao mesmo tempo, antagônicos e complementares, (MARIOTTI, 2000, p. 38).

O diálogo é o fio que tece e entrelaça a teia ao mesmo tempo desfaz os nós e integra os seres. Mas, o diálogo que integra e abraça as diferenças deve conter e estar contido da escuta sensível, aonde se diz o indizível, se encontra na voz do “mais dentro”, na essência do ser, sendo.

Escuta sensível: o ser consigo e com o outro

O que é uma “escuta sensível”? A escuta sensível não é uma estratégia em si, e sim uma metodologia ou atitude que deve permear todas as Estratégias de Aprendizagem Integradoras. “Escuta Sensível” também é uma atitude/postura bastante utilizada na clínica psicopedagógica, psicológica e até mesmo psicanalítica (ALVES, 2015). É preciso que escutemos a nós mesmos. Assim, estaremos abertos ao outro. Ao outro que falará em nós e conosco.

A escuta sensível é ouvir, perceber, sentir, o indizível. É a escuta do dito e do não dito. É a escuta amoroso que busca perceber o outro em toda sua inteireza e gentileza de estar se doando em palavra e expressão. É a escuta do sentir o outro como um sujeito pleno, imaginativo, intuitivo, com suas crenças, ritos, mitos e valores. E, sentindo-o através da escuta que vê para além do dito, reconhece e aceita o outro como legítimo e único, dono de seu percurso, historicidade e palavra.

[...] nas interações, o que existe é um desencadear de transformações estruturais recíprocas no encontro, de modo que a linguagem tem a ver com o **toque**. Cada vez que eu digo algo, eu os toco. Não os toco com meus dedos, mas com ondas sonoras que desencadeiam em vocês mudanças estruturais que têm a ver com vocês. É uma expansão, por assim dizer, do acariciar-se mútuo numa convivência de interações recorrentes sensuais. [...] **com as palavras nós nos tocamos** (MATURANA, 2001, p.95, **grifo nosso**).

Nossas bases teóricas, conceituais, metodológicas e epistemológicas da “escuta sensível” estão pautadas em seu criador-René Barbier (2002b). Conta-se com o imprevisível, concernente com as ações das minorias e das especificidades individuais e a espiritual-filosófica. Segundo esse autor, consideram-se os valores mais profundos, isto é, aquilo que dá sentido à vida, no qual mais se investe aquilo que é íntimo, que é de cada um. (BARBIER, 2002)

Na escuta sensível devemos ter a sensibilidade de sentir o universo cognitivo, afetivo e imaginário do outro, para compreendermos suas atitudes, seus comportamentos, seus sistemas de ideias, de valores, de mitos e símbolos. Como bem se expressa Barbier (2002), necessitamos compreender a existencialidade inerente ao interior de cada sujeito e de nós mesmos. Necessitamos reconhecer e aceitar incondicionalmente o outro e a nós mesmos, sem julgamento, medida ou comparação. “Devemos compreender o outro, contudo, sem aderir ou

se identificar com suas opiniões e atitudes. O fazemos suspendendo, momentaneamente, nossas posições filosóficas e valores” (BARBIER, 2002, p.94).

Devemos deixar de rotular o indivíduo segundo seus papéis e posições sociais, e sim, identificando-o em seu ser, como um indivíduo complexo, dotado de criatividade e com direito a liberdade de ser *si mesmo* (RICOUER, 1990).

Assim, como uma Estratégia e atitude Integradora, é no olhar sereno, na escuta sensível, e nas palavras firmes ou leves que as pessoas se tocam. O ouvir atento faz-se espelho a sua alma. E almas se encontram na sinergia da vida, no diálogo, pelo diálogo, no ser sensível ao ser.

Mas, como disse Barbier (2002), a escuta sensível não é a projeção de nossas angústias ou desejos, ela é multirreferencial. Ela busca a percepção sobre o *si mesmo* em função da realidade. Uma vez que, só posso perceber o outro a partir de mim mesmo. Mas, mesmo a percepção sendo em função de nossa própria estrutura, a escuta sensível não julga, não compara, não mede o outro ou a si mesmo. A escuta sensível é o encontro e aceitação incondicional do estar consigo e com o outro no momento presente, no júbilo da partilha, da palavra, da escuta, da corporeidade. Ela faz-se no *habitus*, no vestir-se de si mesmo e permitir ao outro que assim o faça. E juntos, na troca do diálogo, escuta, habitam o máximo do humano dialógico, diabólico, *demen*, *ludus*, prosaico, *poiésis* que há em si.

A escuta sensível se faz ao acolher a surpresa do desconhecido que, alegremente anima a vida, com suas emergências e contraditórios, impulsionando-nos à busca mais profunda de escutar o indizível, ver o invisível. Uma atitude que sai do campo das ciências humanas, entretanto, segue luzente pelas fronteiras e zonas de incertezas. Sendo assim, ela é mais uma arte que uma ciência. Pois, toda ciência busca reduzir seu universo e fixar padrões próprios de referência, até que se prove o contrário. “É como a arte de um escultor sobre a pedra, que para fazer aparecer a forma, deve antes passar pelo trabalho do vazio e retirar todo o excesso para que a forma surja.” (BARBIER, 2002, p. 94).

A escuta sensível é janela aberta de comunicação entre as subjetividades dos seres diante da possibilidade da amorosidade plena e legítima. Como nos diz Maturana (1999, p. 68) como “a aceitação do outro em seu legítimo outro na convivência”, na comunhão de saberes e sentimentos. Conforme o artigo 13 da Carta da Transdisciplinaridade: “o saber compartilhado deveria levar a uma compreensão compartilhada, baseada no ‘respeito’

absoluto das alteridades unidas pela vida comum numa só e mesma Terra” (NICOLESCU, 1994, p. 164). Completa Barbier (2002, p. 94), dizendo que é preciso “saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para compreender do interior as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos”.

Sendo assim, a escuta sensível segue para além de fronteiras disciplinares. Ela é ecossistêmica (MORAES, 2004), pois busca abraçar o todo de si mesmo e do outro entrando numa relação de totalidade. Afirmando a existência do ser com seu corpo, imaginação, razão e afetividade, todas essas partes interrelacionadas, seres e sentimentos ecologizados. Ela transgride barreiras e fronteiras do visível e do dizível, tecendo os fios da vida, sendo assim, é transdisciplinar e complexa.

Histórias de vida: o ser consigo, com o outro e com o Todo

É preciso que cada um descubra sua própria história e potencial, para que juntos possamos construir uma história comum: a história de todos. A história de seres historicizados, mas que têm uma ou muitas culturas em comum. A história de cidadãos habitantes planetários e galácticos. Na verdade, nossas histórias falam de nossa maneira de habitar o mundo. Quando as dizemos, quando as lemos, reconstruímos nosso processo de autoria, nossa maneira de tecer o aprender. Quando as lemos juntos tecemos juntos muitas maneiras de aprender em conjunto, do aprender cooperativo, do aprender ecossistêmico, do aprender complexo. Torna-nos coautores dos textos da vida da Vida.

Percebemos em nossas histórias que o que somos e como agimos é fruto de matrizes que construímos na infância, nossas matrizes pedagógicas, nossas matrizes de aprendentes e ensinantes, nossas matrizes do que é ser pai ou mãe que foram gessadas em nossa infância.

Escrevendo e inscrevendo nossa história, percebemos que vida não é completamente pré-construída. Como percebemos acima, nossa história, nossa ontogênese e filogênese, nossa existência, nossa vida composta por muitas vidas - e mortes - que vivem em nós, é muito complexa. É uma imensa tessitura que não poderia ter sido construída unicamente por nós ou pelos outros. Nossa vida é uma obra de arte que contém e é contida por muitas existências, mas escrever nossa história traz alguns desafios: “O desafio seria o de saber em que medida o

trabalho de pensar sua própria história pode livrar a mente do que ela pensa silenciosamente e permite-lhe pensar de outro modo.”(FOUCAULT *apud* PINEAU, 2006, p. 336).

Escrever nossa narrativa traz sentido a nossa construção. O corpo que fala é o corpo que se habita entoando o som da vida. Desse modo, a contribuição de nossa autobiografia, de nossa história-vida e de vida, é que historicizamos a vida. Histórias de vidas compartilhadas favorecem a auto-eco-hetero-formação. Fazemo-nos compartilhando a sabedoria de “ser quem somos” junto com o outro.

Autoconhecimento: Cuidando da criança interior

A Base da Sua Vida é Liberdade.
O Objetivo da Sua Vida é Felicidade.
O Resultado da Sua Vida é Crescimento

(ABRAMS, 1994).

Quem somos nós? Quem me habita? Que criança, feliz, sofrida, serena, querida, que, de repente, salta de dentro de mim? Nós somos o que somos, somos o que fomos e somos o que seremos. Dentro de nós vive o tempo *chronos* e tempo *kairós*. O tempo do relógio carrega o tempo do prazer e do desprazer. O tempo da dor e do amor. O tempo que só o tempo de quem vive e sente o que habita no coração e na mente. É o tempo vivido e vívido. É o tempo que marca, que deixa o *imprint* dentro da gente. Marcas que nos fortalecem, marcas que nos enfraquecem. E, muitas vezes é necessário, reviver, ressignificar, reelaborar para curar, para suavizar, para amenizar.

Aprendi com minhas leituras e vivências a sentir sensivelmente cada momento e a criar um espaço mental, um cenário de representação e rememoração acolhedor para cada momento, o qual no meio de *Acolhimento da Criança Interior*.

No acolhimento da criança interior normalmente conduzo uma meditação no qual a pessoa se recorda de fatos importantes de sua infância, fotografa-os reflete sobre eles e mentalmente dialoga e acolhe-se em sua infância.

Lembro-me que, para a condução dessa estratégia foi necessário, além da escuta e olhar sensíveis, um cabedal de conhecimentos psicológicos para não torná-la uma estratégia

desintegradora. Muitas vezes, nessa dinâmica as lágrimas se fizeram presentes tanto viva se tornou a comunicação durante o diálogo interior. Muitas catarses ocorreram. Parece ser esse o momento em que as pessoas começam a encontrar sentido para algumas dores e feridas não curadas. Outras vezes, o recordar de um momento de extrema alegria, felicidade e acolhimento nos fortalece, nos reaviva o gosto pela vida. Cuidamo-nos para aprendermos a cuidar. O cuidado de si se faz essencial. Assim, “a infância permanece, dentro de nós, como um princípio de vida profunda, de vida sempre em harmonia com as possibilidades de novos começos” (BACHELARD *apud* ABRAMS, 1994, p.53).

Para a física quântica a realidade criada mentalmente também é real

O mental e o material são dois lados de um mesmo processo global que, como a forma e o conteúdo, estão separados apenas no pensamento e não na realidade. Há uma energia que é a base de toda realidade [...] Nunca há divisão real entre os lados mental e material em nenhum estágio do processo global. (SPINOZA; WHITEHEAD *apud*. ZOHAR, 1990, p. 37)

Acolher e cuidar da criança interior, segundo Jung (2006), constitui algo necessário à construção de nossa autonomia. Lembrando que carregamos em nosso inconsciente os arquétipos do pai, da mãe, do professor e de todas as pessoas que passaram por nosso caminho ou mesmo as fantasias e medos que nos atemorizaram. Quando nos mantemos presos aos arquétipos ou situações que nos agrediram, que foram traumáticas, sofridas, situações que não elaboramos, tornamo-nos escravos de nós mesmos. À medida que dialogamos, cuidamos, acolhemos, cultivamos o respeito pela criança que há em nós, temos a possibilidade de ressignificar esses vínculos negativos, dando a possibilidade dessa criança compreender-se, conhecer-se, reelaborar a situação. Desse modo fortalecemo-nos e tornamo-nos adultos, maduros e conscientes, pois, a criança também se sentiu acolhida e fortalecida. Tornamo-nos atores em nosso próprio palco e reconstruímos nossa história. Como diz Jung (1994, p.42) “melhoramos o outro através do amor e o pioramos através do ódio, o que vale também para nós mesmos”.

Em nosso viver cotidiano muitas vezes não percebemos que carregamos nossas matrizes de formação ou arquétipos que construímos por quem exerceu nossa “ensinagem”, maternagem ou paternagem. Seguimos repetindo esses padrões de aprendizagens, porque foi assim que nos ensinaram. Quando, no palco mental, reconstruímos cenários, temos a possibilidade de reviver esses papéis e tornarmo-nos pais, mães, professores de nós mesmos.

Conscientemente, cuidamos da criança que fomos, com amorosidade e alegria. E, a partir dessa compreensão de nossas fragilidades e medos, teremos também a possibilidade de reconhecer e acolher com amorosidade as fragilidades e medos do outro. Legitimamo-nos, incluimo-nos para ao outro, legitimar, acolher e incluir.

Considerações finais

Por tudo que foi visto, sentido, incorporado e metamorfoseado, gestado e germinado, percebemos que as Estratégias de Aprendizagem Integradoras se fazem importantes e necessárias, pois implicam grandes possibilidades de religação, de trama do sujeito consigo, com o outro que está dentro e fora de nós mesmos, e com o todo. E, ilustrando com as palavras de Buber “os encontros não se ordenam de modo a formar um mundo, mas cada um dos encontros é para ti um símbolo indicador da ordem do mundo. Os encontros não são interrelacionados entre si, mas cada um garante o vínculo com o mundo” (BUBER, 2001, p. 36). Encontremos nosso mundo, encontremo-nos no mundo!

Sonho com um mundo “tecido em conjunto” no qual se entrelacem muitos mundos diferentes. Um mundo no qual caibam infinitos mundos. Em que todas as diferenças sejam motivos de enriquecimento do tear cósmico. Em que a diversidade seja fio condutor de alegria, perseverança, criatividade, superação, alegria, tenacidade, abraços fortes e muita amorosidade e cooperação.

Construir Estratégias de Aprendizagem Integradoras que favoreçam processos inclusivos é fazer emergir à consciência nossa interdependência, nossa autonomia que é sempre relativa, como disseram Maturana e Varela (1995). Ou seja, todo nosso existir depende do existir do outro. Ao viver, interagimos com o outro e com o meio que foi e é transformado pelo outro. Para esses autores (1997), ser humano é experimentar a vida, é ter consciência de que transformamos a nossa realidade, pois, como seres vivos, nós existimos no viver/conviver. E, conviver, viver é aprender, o que implica em transformar a nós mesmos e à vida. Tudo que é vivo, e que vive, está implicado, está integrado, enredado e em constante processo de interação, transformação e criação. Somos produto e produtor de nós mesmos, no

diálogo autopoietico da vida.

Buscamos mostrar que, quando legitimamos o outro, legitimamos a nós mesmos. Quando negamos o outro negamos a nós mesmos e adoecemos, saímos de nosso estado biológico, sistêmico, social e complexo de amorosidade. □ A abertura ao outro que é diferente de mim, reflete a minha inteireza hologramática, assusta e provoca novas emergências. A partir daí, o movimento criativo e auto-eco-hetero organizador podem ocorrer. Tornamo-nos aprendizes de nós mesmos junto com o outro, construindo uma nova história, pois tornamo-nos mais inteiros pela consciência da interdependência.

Percebemos que a inclusão é acima de tudo, uma atitude de reverência à vida, de legitimação de si mesmo e do outro, reconhecendo-o como único, singular, multidimensional, múltiplo e complexo. E, as Estratégias de Aprendizagem Integradoras tiveram um papel fundamental para que os sujeitos possam ir além da realidade fragmentária, dualística, dicotômica, favorecendo a percepção e o salto para outros níveis de realidade que contribuíram para a co-construção, para “habitar humano” da cooperação e a amorosidade, da legitimação de cada ser e para a construção de um mundo para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Dolores Fortes. **Construindo Cenários e Estratégias de Aprendizagem Integradoras (inclusivas)**. 276pp. Tese [Doutorado] – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

_____. **De professor a educador**. Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar os valores e despertar a autoria. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015.

ABRAMS, Jeremiah (org.). **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1994.

ARNT, Rosamaria de Medeiros. **Docência transdisciplinar: em busca de novos princípios para ressignificar a prática educacional**. São Paulo: São Paulo: PUC/SP 2007, 266 p. - tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: Uma compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: editora primeira edição 1999.

CUNHA, José. Geraldo. **Dicionário etimológico da nova fronteira de língua portuguesa**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HARPER, Douglas. **on line etymology dictionary**. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?search=apprehend&searchmode=none>, acesso em 30 de maio de 2012.

MARIOTTI, Humberto. **Diálogo: a Competência do Conviver**. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MATURANA, Humberto. **Ontologia da realidade**. In. Magro, C. et al. (Orgs.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo

Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MATURANA, Humberto. VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima. Nisis de. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes**: Transdisciplinaridade, complexidade e educação. São Paulo: ProLibera Editora: Antakarana/WHH -Willis Harman House, 2008.

_____. **A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade**. Revista 38 Diálogo Educacional. Curitiba, v.7, n.22, p.13-38, set./dez. 2007

_____. **O Paradigma Educacional Emergente**. 11^a. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

_____. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. São Paulo: Vozes, 2004.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar**: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação. Vozes, 2004.

MORAES, Maria Cândida; VALENTE, José Armando. **Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

NICOLESCU, Basarab.(a). **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

_____. **Carta de Transdisciplinaridade** – 1994; Disponível em www.transdcongress.com.br (acesso em 2 de julho de 2008)

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação**: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1990.

TORRE, Saturnino de la; PUJOL, Maria Antônia; MORAES, Maria Cândida; SANZ Gabriel et all. **Transdisciplinaridad y educación**; una nueva mirada sobre la educación. Barcelona: Editorial Universitaria S.A., 2007.

RAJADELL, Nuria, **A Importância das estratégias didáticas em toda ação formativa in**

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; RAJADELL PUIGGRÒS, Núria (org.). **Didática e formação de professores: perspectivas e inovações**. Goiânia: CEPED Publicações e PUC Goiás, 2012.

ZOHAR, Danah. **O Ser quântico**. São Paulo: Best Seller, 1990.